

CONCEITOS DE BASE EM ESTILÍSTICA

META

Apresentar aos alunos os conceitos básicos cujo domínio se faz necessário para uma eficiência abordagem estilística dos textos literários

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
ter domínio de conceitos básicos inerentes à disciplina em questão, para realizar análises estilísticas de textos literários.

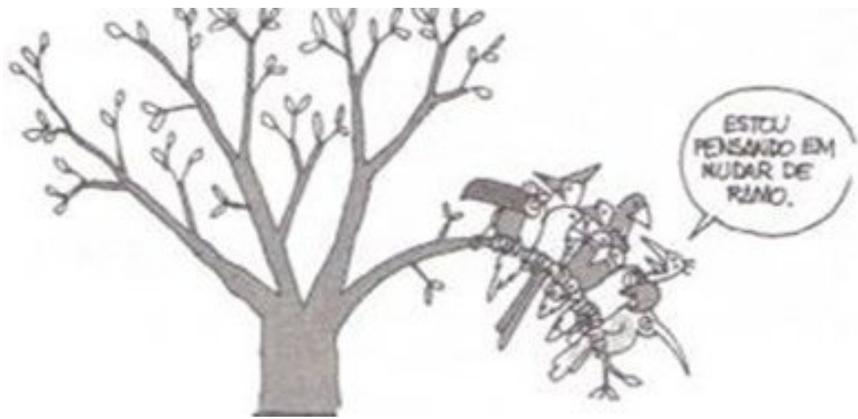


(Fontes: <http://www.construirnoticias.com.br>)

INTRODUÇÃO

Esta aula pretende abordar certas noções-base relacionadas com a linguagem cujo domínio se faz necessário ao estudo do texto numa perspectiva estilística. Os processos formais que cada indivíduo pode utilizar, consciente ou inconscientemente, para retirar efeitos especiais da língua que ele recria através de suas enunciações pessoais exigem do analista de textos conhecimento seguro de um conjunto de elementos que estão presentes ou em jogo na arquitetura do texto.

A Estilística, de um modo geral, consiste no estudo dos fenômenos da expressão diretamente relacionados com a sensibilidade de quem escreve ou fala, que, para o pai da Linguística Moderna, Ferdinand de Saussure, significava “efeitos de estilo”. Como já tivemos oportunidade de lembrar, anteriormente, a substância da expressão pode manifestar-se diversamente, concretizando o mesmo conteúdo. O indivíduo, o falante, que utiliza a linguagem apropria-se dela, conferindo-lhe subjetividade; escolhe de entre os mecanismos da língua a substância da expressão, relacionada com um determinado contexto, e individualiza-a. Ao individualizá-la, podem resultar efeitos que se integram no domínio do estilo. Compete à Estilística inventariar e estudar esses efeitos ou responsáveis por eles.



(Fontes: <http://lh4.ggpht.com>)

CONCEITOS DE BASE EM ESTILÍSTICA**DENOTAÇÃO/CONOTAÇÃO**

A denotação refere-se ao sentido de base dos signos lingüísticos, isto é, das palavras de uma dada língua. Representa o sistema de convenções semânticas a partir do qual a língua realiza ou cumpre a sua função primordial: referencial, de comunicação, representativa. A denotação diz respeito ao sentido estável, consensual, referencial, dos itens lingüísticos. Propicia o intercâmbio de idéias numa comunidade; estabelece a função de interação social entre os indivíduos. Assim sendo, não apresenta interesse para a Estilística.

Melhor dizendo, quando uma palavra é tomada no seu sentido usual, no sentido dito “próprio”, isto é, não figurado, não metafórico, no sentido “primeiro” que dela nos dão os dicionários, quando é empregada de tal modo que signifique a mesma coisa para mim e para você, leitor-aluno, como para todos os membros da comunidade sociolingüística de que ambos fazemos parte, então se diz que essa palavra tem sentido denotativo ou referencial, porque denota, remete ou se refere a um objeto do mundo extralingüístico, objeto real ou imaginário. A palavra assim empregada é entendida independentemente de interpretações individuais, interpretações de natureza afetiva ou emocional, o seu significado não resulta de associações, não está condicionado à experiência ou às vivências do receptor (leitor, ouvinte, aluno). O seu sentido é, digamos assim, “pão, pão, queijo, queijo”. A Estilística não trabalha no mundo das denotações.

A conotação - a potencialidade do sistema lingüístico possibilita ao signos lingüísticos aderirem valores semânticos secundários (conotações) que são atualizados, em menor ou maior grau, no discurso, em função: a) da personalidade do autor; b) do nível cultural do autor; c) da inventividade do autor; d) do meio e das circunstâncias em que se insere o autor; e) do objetivo do ato de comunicação. Essas variáveis vão conferir à forma da mensagem um coeficiente de “expressividade” gerador de uma camada informacional suplementar (suplementação semântica de importância para a Estilística).

Assim, a conotação é a experiência nos usos de uma palavra da qual não participam (dessa experiência) todos os falantes dessa palavra, na língua dada. A expressividade que a conotação possibilita pressupõe uma “escolha”, pois a língua como código é sistema de signos polivalentes.

Uma mesma noção pode ser referida de vários modos em realizações lingüísticas diversas. O emissor da mensagem, ao nível de sua competência lingüística, opera uma “seleção” ou “escolha” de formas que não apenas expressem o seu pensamento, mas também a sua sensibilidade e o seu gosto, a sua adequação ao tema e à finalidade do ato de comunicação e ao

contexto em que este ato ocorre. Esse processo de seleção, de escolhas e de combinações de formas lingüísticas do falante vão dar forma ao seu discurso e confere a ele o que se considera o “estilo”.

Em outras palavras: se, entretanto, a significação de uma palavra não é a mesma para mim e para você, leitor-aluno, como talvez não o seja também para todos os membros da coletividade de que ambos fazemos parte, e não o é por causa da interpretação que cada um de nós lhe possa dar, se a palavra não remete a um objeto do mundo extralingüístico mas, sobretudo, sugere ou evoca, associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrato, de natureza afetiva ou emocional, então se diz que seu valor, isto é, seu sentido, é conotativo ou efetivo.

A palavra “cão” tem sentido denotativo quando denota, aponta, designa o animal doméstico, mamífero, quadrúpede, canino; mas é pura conotação (e, no caso, também metaforização) quando expressa o desprezo que me causa uma pessoa sem caráter ou extremamente servil. “Verde”, no sentido de cor resultante da combinação de azul com o amarelo no espectro solar, de cor das ervas e das folhas da maioria das plantas, é pura denotação; se peço uma camisa “verde”, o lojista não me trará uma vermelha. Mas, se “verde” me sugere esperança, se “verde” significa que algo ainda não se desenvolveu completamente, então seu sentido é conotativo ou afetivo (e, no caso, também metafórico). Branco = cor resultante da combinação de todas as cores no espectro solar = denotação; mas branco = inocência, pureza, imaculação: conotação. A palavra “rosa” não significa a mesma coisa (do ponto de vista afetivo) para o botânico interessado na classificação das espécies vegetais, para o jardineiro profissional incumbido de regá-la, para o amador que cultiva como passatempo nos fins-de-semana e procura, por simples deleite, obter, através de enxertos e cruzamentos, uma espécie nova para exibir a amigos e visitas. Muito diversa há de ser ainda a conotação para a dona-de-casa que com ela adorne um centro de mesa, para o florista que vê nela apenas um objeto de transação comercial rendosa. Para o jovem que a oferece à namorada, a rosa é muito mais do que uma rosa; é assim como “uma rosa é uma rosa é uma rosa”, do consabido verso de Gertrudes Stein.

NORMA E DESVIO

A noção de norma é difícil de conceber com rigor para qualquer língua e a própria lingüística tem empreendido esforços no sentido de delimitar um campo tão vasto. Grosso modo, podemos dizer que o que se entende por norma ou língua padrão é a língua não marcada, isto é, a língua que o indivíduo adéqua estritamente a uma situação, no seu emprego corrente. Falar-se-á então de uma língua standardizada, forçosamente limitada e estatisticamente a mais utilizada pela comunidade lingüística.

A noção de norma, como é evidente, levanta problemas quando se impõe uma definição taxativa. Recentemente, uma nova perspectiva, a noção de “grau zero” do discurso, trouxe um contributo importante para o aprofundamento de problemas de estilo. Diz-se que um discurso é de “grau zero” quando ele se apresenta dentro da maior neutralidade. Esta neutralidade implica: um nível de linguagem comum; uma estrutura gramatical de base (sujeito – predicado – complemento); monossemia (sentido único e explícito); denotação (a conotação é inexistente). Uma enunciação do tipo “Paulo comprou um livro” realiza um discurso de grau zero.

Qualquer infração a essa neutralidade constitui um “desvio”. E sabemos-lo, a experiência lingüística do sujeito falante leva-o a aperceber-se do leque de desvios existente entre as realizações discursivas de grau zero e as enunciações que causam surpresa, e contém, portanto, efeitos de estilo. Desse modo, a noção de desvio em relação a uma norma contribui em grande parte para entendermos o estilo, como emprego especial e isolado da expressão.

Vê-se, pois, que a noção de desvio pressupõe a noção de norma. A norma só é pensável a partir da existência de várias formas ou modos de expressão de uma mesma idéia de base. A realização mais freqüente é considerada “normal”, em relação a outras. Mas a norma não pode ser considerada apenas do ponto de vista quantitativo (o da freqüência). Em termos qualitativos, a norma se expressa ou se evidencia conforme o valor de base que uma dada forma lingüística tem no sistema da língua. A linguagem poética, desde Aristóteles até hoje, foi considerada um desvio.

O desvio é um fato de língua que constitui uma violação, uma infração, ao código da língua.

Infração/violação: fonética ou fônica; morfológica ou lexical; sintática; semântica. Em todos esses níveis, é possível o desvio de interesse estilístico.

IDIOLETO

Significa o conjunto de variedades individuais de um sujeito que utiliza uma língua. É constituído pelo que é específico da fala de um determinado locutor (ao nível fônico ou lexical).

Essas particularidades não podem ser tão numerosas nem tão distantes do uso normal que prejudiquem ou perturbem a intercomunicação. O idioleto como uso pessoal de uma língua se opõe a dialeto que é uso coletivo. O idioleto é objeto de preocupação da Estilística.

CONCLUSÃO

Como acabamos de acompanhar, esta aula focaliza alguns conceitos de importância fundamental para análise e pesquisa estilísticas. O domínio desses conceitos contribui para a eficiência do aluno no trabalho de interpretação e de abordagem semântico estilística de textos literários.

Um dos conceitos que merece maior destaque e a conotação por tratar-se de uma atitude emotiva ou expressiva daquele que fala ou escreve em relação aos signos (palavras) lingüísticos. Assim, ao lado da significação estrita de uma palavra, se um signo lingüístico, sempre abstrata(o) em qualquer grau, que deve, em princípio, ser a mesma para todos, a sugestão (os valores sugestivos) traz, para enquadrá-la, complicá-la, enriquecê-la, idéias secundárias ou suplementares, imagens de pormenor ou impressões diversas.

O conceito de desvio (que evoca o conceito de norma, de padrão), em Estilística, ocupa um papel significativo. Marca a diferença lingüística patente entre: um elemento de texto e o texto em que ele se insere; um texto e outros textos; um texto e o uso; um texto e o código da língua. Essa diferença é considerada basilar e pertinente para a análise do estilo.

A noção de idioleto é outro recurso de importância fundamental para a caracterização do estilo de um escritor (ou falante), uma que é considerado – o idioleto – o conjunto das variedades individuais próprias de um sujeito que utilize uma língua.

RESUMO

A princípio são três os conceitos de base em Estilística, sem no momento considerar a noção de estilo: a conotação, o desvio e o idioleto.

A conotação é a parte do sentido de uma palavra que não corresponde à significação propriamente dita, ou seja, ao valor representativo como símbolo de um elemento do mundo biossocial, mas corresponde à capacidade da palavra de funcionar para uma manifestação psíquica de valores plurívocos. A conotação, pelas suas potencialidades de sentido que evoca, se situa na área da Estilística.

O desvio é qualquer fato ou ato de fala que constitua uma infração/violação às leis que regem o funcionamento do contexto. Assim, no texto, o desvio é aquilo que, para o leitor, parece inesperado ou coerente em relação ao contexto. Há desvios lingüísticos ao nível fônico, mórfico, lexical, sintático e semântico.

O idioleto é a denominação que vários lingüistas dão ao uso individual da língua por um falante ou por um escritor. Nesse uso individual da língua, podem aparecer traços lingüísticos que divergem da norma padrão. Muitas vezes, são usos intencionais e marcam o estilo individual de um falante/escritor.



ATIVIDADES

Prestem bem a atenção ao texto abaixo:

“Deixar é grandeza, pedir é sujeição; deixar é desprezar, pedir e fazer-se desprezado; deixar é abrir as mãos próprias, pedir é beijar as alheias; deixar é comprar-se, porque quem deixa livra-se; pedir é vender-se, porque quem pede cativa-se”.

Pe. Antônio Vieira.

1. Elaborem uma sucinta biografia do Padre Antônio Vieira, destacando a sua importância, como escritor, para a língua portuguesa.
2. Procurem explorar (descobrir) o máximo dos valores conotativos do texto acima, centrando especial atenção nos verbos DEIXAR e PEDIR, isto é, quais sentidos ou valores conotativos desses verbos, nesse texto?

PRÓXIMA AULA

O conceito de Estilo: abordagens.

AUTO-AVALIAÇÃO

Esta aula me esclareceu bastante sobre os valores semânticos que uma dada palavra pode assumir em seus contextos de realização. Um exemplo dessa minha compreensão devo buscar em autores da literatura brasileira, a exemplo de Manuel Bandeira. Para demonstrar esse meu entendimento, o poema “Profundamente”, de Bandeira, contém um dos mais expressivos exemplos de conotação. Procurem esse poema e mostrem ao tutor o exemplo referido de linguagem conotativa.

